

**FACULDADE DE ENFERMAGEM NOVA ESPERANÇA LTDA.
CURSO DE BACHARELADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

JOSÉ EUFRAZINO RODRIGUES JUNIOR

**INCLUSÃO DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL EM ACADEMIA DE
GINÁSTICA: PERCEPÇÕES DOS DISCENTES DO CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

JOÃO PESSOA

2025

JOSÉ EUFRAZINO RODRIGUES JUNIOR

**INCLUSÃO DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL EM ACADEMIA DE
GINÁSTICA: PERCEPÇÕES DOS DISCENTES DO CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

Artigo apresentado ao curso de Bacharelado em
Educação Física como requisito para obtenção do título
de Bacharel em Educação Física.

Área de pesquisa: Educação Física Adaptada
Orientador: Prof. Dr. Jean Paulo Guedes Dantas

JOÃO PESSOA

2025

R613i

Rodrigues Junior, José Eufrazino

Inclusão de pessoas com deficiência visual em academias de ginástica: percepções dos discentes do curso de Educação Física / José Eufrazino Rodrigues Junior. – João Pessoa, 2025.
26f.

Orientador: Prof.º M. Jean Paulo Guedes Dantas.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Graduação em Educação Física) – Faculdade Nova Esperança - FACENE

1. Inclusão Social. 2. Pessoas com Deficiência Visual. 3. Educação Física. 4. Academias de Ginástica. 5. Formação Profissional. I. Título.

CDU: 376.2:796

**INCLUSÃO DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL EM ACADEMIA DE
GINÁSTICA: PERCEPÇÕES DOS DISCENTES DO CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

João Pessoa, 2025

Artigo apresentado pelo(a) aluno(a) José Eufrazino Rodrigues Junior, do Curso de Bacharelado em Educação Física, tendo obtido o conceito de _____, conforme a apreciação da Banca Examinadora constituída pelos professores:

Prof. Dr. Jean Paulo Guedes Dantas
Orientador

Prof. Me. Silvio Lago

Faculdade de Enfermagem Nova Esperança

Prof. Me. Darcílio Dantas

Faculdade de Enfermagem Nova Esperança

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por me conceder saúde, sabedoria e forças para seguir firme em cada etapa desta jornada.

À minha família, pelo amor, apoio incondicional e incentivo constante, que foram fundamentais para a realização deste trabalho.

Ao meu orientador, Professor Jean Paulo Guedes Dantas, pela dedicação, paciência e valiosas orientações ao longo do processo.

E ao Professor Darcílio Júnior, pelo apoio, ensinamentos e contribuições que enriqueceram ainda mais esta caminhada acadêmica.

“Incluir é reconhecer que cada pessoa tem o direito de participar e contribuir, independentemente de suas limitações.”

Maria Teresa Eglér Mantoan

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 MATERIAL E MÉTODOS	9
2.1 Desenho do Estudo	9
2.2 Participantes e aspectos ético	9
2.3 Instrumento e procedimentos de coleta de dados	10
2.4 Análise dos dados	10
3 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	11
3.1 Perfil do Participante	11
3.2 Formação e Preparação Acadêmica	12
3.3 Percepções sobre a Inclusão em Academias.....	16
3.4 Opinião Geral e Sugestões	16
4 DISCUSSÃO	19
5 CONCLUSÃO	22
REFERÊNCIAS.....	22
APÊNDICE A -Questionário	24

INCLUSÃO DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL EM ACADEMIA DE GINÁSTICA: PERCEPÇÕES DOS DISCENTES DO CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

INCLUSION OF VISUALLY IMPAIRED PEOPLE IN GYMS: PERCEPTIONS OF PHYSICAL EDUCATION STUDENTS

RESUMO

A inclusão de pessoas com deficiência visual em academias de ginástica representa um desafio importante para a Educação Física, especialmente no que se refere à formação e à atuação profissional. O objetivo deste estudo foi analisar as percepções de discentes do curso de Educação Física sobre a inclusão desse público, identificando as principais barreiras e possibilidades de aprimoramento da formação acadêmica. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório e descritivo, realizada com 30 estudantes de ambos os sexos, matriculados em diferentes períodos do curso. A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas, elaboradas com base em questões sobre percepções, barreiras, facilitadores e formação profissional para atuar com pessoas com deficiência visual. As entrevistas foram presenciais, com duração média de 30 minutos, e posteriormente analisadas por meio de categorização temática. Os resultados foram organizados em quatro blocos: perfil dos participantes, formação e preparação acadêmica, percepções sobre a inclusão em academias e opiniões gerais. Observou-se que 66,7% dos discentes se consideraram pouco preparados para atuar com pessoas com deficiência visual, 20% declararam não possuir preparo e 63,3% relataram ausência de vivências práticas. Além disso, 66,7% afirmaram que o tema foi abordado apenas parcialmente durante a graduação, e 90% destacaram a necessidade de mais disciplinas práticas. No contexto das academias, 60% avaliaram que os profissionais não estão preparados e que esses espaços ainda não são totalmente inclusivos. Conclui-se que a efetivação da inclusão de pessoas com deficiência visual em academias requer aprimoramento da formação acadêmica, capacitação continuada e políticas de acessibilidade que promovam ambientes mais empáticos e equitativos.

PALAVRAS-CHAVE: Inclusão social; Pessoas com deficiência visual; Educação Física; Academias de ginástica; Formação profissional.

ABSTRACT

The inclusion of people with visual impairments in fitness centers represents a significant challenge for Physical Education, particularly concerning professional training and practice. This study aimed to analyze the perceptions of undergraduate Physical Education students regarding the inclusion of this population, identifying the main barriers and possibilities for improving academic training. This is a qualitative, exploratory, and descriptive study conducted with 30 students of both sexes enrolled in different stages of the program. Data were collected through semi-structured interviews based on questions addressing perceptions, barriers, facilitators, and professional preparation to work with individuals with visual impairments. The interviews were conducted in person, lasting an average of 30 minutes, and later analyzed through thematic categorization. Results were organized into four sections: participants' profile, academic training and preparation, perceptions of inclusion in fitness centers, and general opinions. It was observed that 66.7% of students felt only slightly prepared to work with visually impaired individuals, 20% reported no preparation at all, and 63.3% indicated a lack of practical experience. Furthermore, 66.7% stated that the topic was only partially addressed during their degree, and 90% emphasized the need for more practical courses. In the context of fitness centers, 60% assessed that professionals are not adequately prepared and that these spaces are still not fully inclusive. It is concluded that the effective inclusion of people with visual impairments in fitness centers requires improvements in academic training, ongoing professional development, and accessibility policies that foster more empathetic and equitable environments.

KEYWORDS: Social inclusion; People with visual impairments; Physical Education; Fitness centers; Professional training.

INTRODUÇÃO

A inclusão de pessoas com deficiência visual em academias de ginástica tem sido amplamente debatida no campo da Educação Física e das Ciências do Esporte. Esse debate ganha força ao se considerar a formação profissional e as percepções dos futuros educadores físicos frente aos desafios da prática inclusiva. A legislação brasileira, por meio da Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Lei nº 13.146/2015), assegura o direito à participação em atividades físicas em igualdade de condições, incluindo espaços como academias. No entanto, observa-se que a implementação efetiva dessa inclusão ainda enfrenta diversos obstáculos (Oliveira et al., 2023).

Estudos recentes apontam que a ausência de infraestrutura acessível, a falta de sinalização tátil, de materiais adaptados e de profissionais capacitados impactam negativamente a vivência de pessoas com deficiência visual em academias (Santos et al., 2023). A deficiência visual, em especial, demanda estratégias específicas que nem sempre estão contempladas nos espaços convencionais de prática corporal. Além disso, a formação insuficiente dos profissionais representa um entrave significativo. Segundo Graf et al. (2024), a capacitação dos profissionais de Educação Física para atuar com pessoas com deficiência visual é fundamental para garantir práticas inclusivas e seguras. Nesse contexto, a acessibilidade e a eficiência pedagógica tornam-se desafios centrais.

A formação profissional dos discentes do curso de Educação Física desempenha papel essencial na construção de uma prática inclusiva. Conforme evidenciado por Santiago (2024), as percepções dos futuros profissionais estão diretamente relacionadas às experiências proporcionadas durante a graduação. No entanto, os estágios supervisionados e demais vivências acadêmicas nem sempre possibilitam o contato direto com pessoas com deficiência visual, o que pode comprometer a segurança e a confiança profissional na condução de atividades inclusivas. Tal realidade evidencia a necessidade de uma revisão curricular que contemple mais fortemente as demandas da inclusão.

Outro fator determinante para a efetividade da inclusão é a promoção de ambientes que incentivem a interação social e o respeito às diferenças. Ambientes cooperativos e acolhedores favorecem experiências positivas tanto para pessoas com deficiência quanto para os demais usuários. Por outro lado, a ausência de políticas institucionais claras sobre inclusão pode reforçar padrões de exclusão. Nesse sentido, intervenções estruturais e pedagógicas são urgentes e necessárias para garantir o direito à prática de atividade física em academias por pessoas com deficiência visual (Oliveira et al.,

2023).

A capacitação dos profissionais deve ir além dos conhecimentos teóricos, contemplando experiências práticas e metodologias que considerem as especificidades da deficiência visual. Programas de formação que proporcionem o contato direto com esse público ampliam a compreensão dos discentes sobre a diversidade humana e tornam sua atuação mais empática e eficaz. Santos et al. (2024) destacam que tais vivências contribuem significativamente para a formação de profissionais preparados para enfrentar os desafios da inclusão. Assim, é fundamental que futuras iniciativas educacionais deem ênfase à prática inclusiva em contextos reais, como academias de ginástica.

Além da formação acadêmica, é necessário desenvolver programas de sensibilização nas próprias academias e instituições envolvidas. A conscientização de gestores, profissionais e frequentadores sobre as necessidades específicas das pessoas com deficiência visual pode transformar esses espaços em ambientes verdadeiramente inclusivos. A falta de conhecimento, muitas vezes, gera barreiras atitudinais mais limitantes do que as barreiras físicas. Investir em programas educativos é, portanto, um caminho promissor para a construção de uma cultura inclusiva e acessível (Almeida et al., 2023).

A implementação de estratégias de inclusão em academias deve ser contínua e adaptável às necessidades individuais das pessoas com deficiência visual. Para tanto, é essencial que gestores e profissionais estejam abertos ao aprendizado, à inovação metodológica e à escuta ativa. Pesquisas indicam que ambientes acessíveis e bem estruturados oferecem benefícios físicos, emocionais e sociais a todos os envolvidos. Assim, a inclusão se configura como um processo enriquecedor não apenas para os alunos, mas também para os profissionais da área (Santos et al., 2024).

A construção de espaços acessíveis e inclusivos para pessoas com deficiência visual deve ser uma prioridade na formação de educadores físicos comprometidos com a equidade. A superação das barreiras estruturais, pedagógicas e atitudinais depende do comprometimento coletivo entre instituições de ensino, academias e gestores públicos. Dessa forma, garantir que a inclusão ocorra de forma efetiva exige investimentos contínuos em capacitação, infraestrutura e conscientização social (Graf et al., 2024).

Diante desse contexto, emergem questões centrais que norteiam esta pesquisa: como os discentes do curso de Educação Física percebem a inclusão de alunos com deficiência visual em academias de ginástica? Quais os principais desafios e barreiras enfrentadas por esses futuros profissionais no processo de inclusão?

A realização deste estudo se justifica pela necessidade de compreender as lacunas

existentes na formação acadêmica e nas práticas pedagógicas voltadas à inclusão. A ausência de experiências práticas com alunos com deficiência visual pode comprometer a confiança e a competência profissional, refletindo negativamente na qualidade do ensino e na promoção da equidade. Compreender as percepções dos discentes é, portanto, essencial para subsidiar melhorias curriculares, promover ambientes mais acessíveis e contribuir para políticas públicas que assegurem o direito à prática de atividades físicas de forma inclusiva e segura.

Nessa perspectiva, o presente estudo tem como objetivo geral analisar as percepções dos discentes do curso de Educação Física sobre a inclusão de alunos com deficiência visual em academias de ginástica, buscando identificar os principais desafios e as possibilidades de aprimoramento na formação acadêmica. Especificamente, pretende-se avaliar o nível de conhecimento dos discentes sobre práticas e estratégias de inclusão voltadas a pessoas com deficiência visual, identificar as principais barreiras estruturais, pedagógicas e atitudinais que dificultam a inclusão nesse contexto, investigar quais aspectos da formação acadêmica são percebidos como insuficientes para uma atuação efetiva com esse público, e, por fim, propor sugestões que contribuam para o fortalecimento da formação dos futuros profissionais de Educação Física e para a consolidação de ambientes de prática corporal verdadeiramente inclusivos.

2 MATERIAL E MÉTODOS

2.1 Desenho do estudo

Este foi um estudo qualitativo, de caráter exploratório e descritivo, realizado com o objetivo de compreender as percepções de discentes do curso de Educação Física sobre a inclusão de alunos com deficiência visual em academias de ginástica. A abordagem qualitativa foi escolhida por permitir a exploração em profundidade dos significados, motivações e interpretações atribuídas pelos participantes às suas experiências, possibilitando um olhar sensível e subjetivo sobre o fenômeno estudado.

2.2 Participantes e aspectos éticos

Participaram do estudo 30 discentes do curso de Educação Física, de ambos os sexos, com idade igual ou superior a 18 anos, que aceitaram voluntariamente contribuir com a pesquisa e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Foram incluídos na pesquisa alunos regularmente matriculados no curso de Educação Física, tanto no bacharelado quanto na licenciatura, que manifestaram interesse em participar de forma voluntária e assinaram o TCLE. Foram excluídos os discentes que não apresentaram disponibilidade para participar das entrevistas ou que não possuíam vivência ou conhecimento mínimo sobre práticas inclusivas no contexto das academias de ginástica.

O recrutamento dos participantes foi realizado de forma presencial e digital (por meio de e-mail institucional e redes sociais), a partir de convite enviado pelo pesquisador responsável.

Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da instituição (CAAE: 89709925.1.0000.5179), atendendo aos princípios éticos estabelecidos pela Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde. Todos os procedimentos seguiram as diretrizes éticas da pesquisa com seres humanos, assegurando o sigilo das informações e o anonimato dos participantes.

2.3 Instrumento e procedimentos de coleta de dados

A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas, elaboradas com base em questões que abordaram temas como: percepção dos discentes sobre a inclusão de pessoas com deficiência visual em academias de ginástica; barreiras e facilitadores percebidos; formação acadêmica e preparação profissional para atuar com esse público.

As entrevistas ocorreram de forma presencial, em local reservado na instituição de ensino, em horários previamente agendados, com duração média de 30 minutos cada.

Antes das entrevistas, os participantes foram informados sobre os objetivos da pesquisa, os procedimentos de coleta, o sigilo das informações e o direito de desistir da participação a qualquer momento, sem qualquer prejuízo.

2.4 Análise dos Dados

Os dados obtidos foram analisados por meio da análise de conteúdo, abordagem amplamente utilizada em pesquisas qualitativas por permitir interpretação aprofundada das falas dos participantes. Esse método possibilitou identificar, classificar e interpretar categorias temáticas emergentes a partir dos discursos coletados nas entrevistas

semiestruturadas.

Após a transcrição integral das entrevistas, os dados foram organizados em unidades de significado, que foram agrupadas conforme critérios de similaridade, relevância e frequência. Em seguida, essas unidades foram codificadas e organizadas em categorias temáticas, permitindo compreender as percepções dos discentes sobre a inclusão de pessoas com deficiência visual em academias de ginástica.

A análise seguiu as etapas propostas por Bardin (2016): pré-análise (leitura flutuante e organização do material), exploração do material (codificação e categorização) e tratamento dos resultados (interpretação e inferência). Essa abordagem possibilitou identificar padrões, contradições, desafios e potencialidades percebidas pelos estudantes no processo de inclusão.

3 RESULTADOS

Nesta seção, apresentam-se os resultados obtidos a partir da aplicação do questionário intitulado “*Percepções sobre a Inclusão de Pessoas com Deficiência Visual nas Academias de Ginástica*”, direcionado a estudantes do curso de Educação Física. Os dados foram organizados em quatro blocos temáticos, de acordo com a estrutura do instrumento de coleta: (1) Perfil do Participante, (2) Formação e Preparação Acadêmica, (3) Percepções sobre a Inclusão em Academias e (4) Opinião Geral e Sugestões.

3.1 Perfil do Participante

A amostra foi composta por 30 estudantes do curso de Educação Física, com idades variando entre 18 e 43 anos. Conforme apresentado na Figura 1, a faixa etária predominante foi de 18 a 23 anos (40%), seguida pela de 24 a 29 anos (26,7%). As faixas de 30 a 35 anos e 36 a 43 anos apresentaram a mesma proporção, cada uma com 16,7% dos participantes.

Esses dados indicam que a maioria dos respondentes é formada por jovens adultos, característica comum em cursos de graduação. Ainda assim, observa-se a presença de participantes de diferentes faixas etárias, o que confere heterogeneidade ao grupo pesquisado.

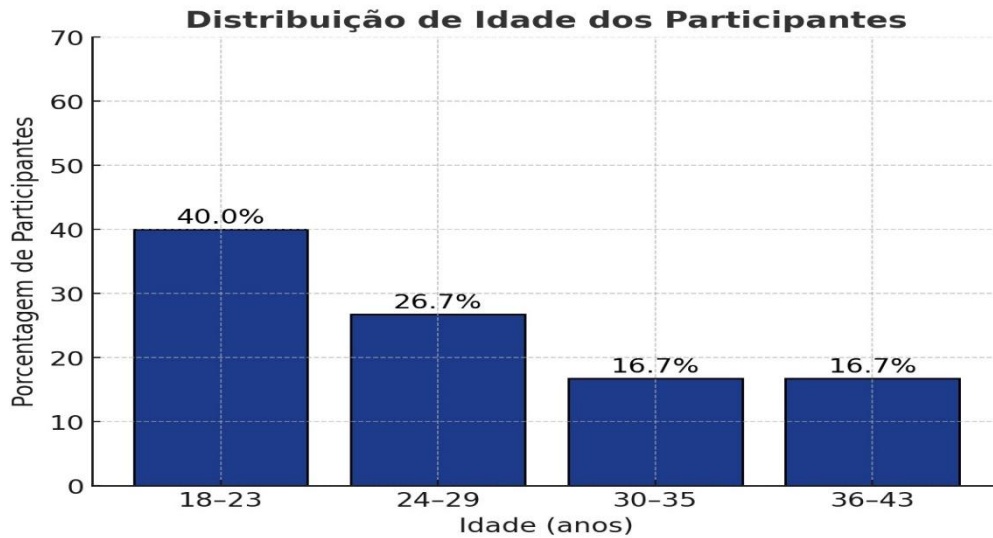


Figura 1 :Distribuição percentual da idade dos participantes.
Fonte: Dados da Pesquisa.

A Figura 2 apresenta a distribuição dos participantes por sexo. Observa-se que 19 participantes (63,3%) pertencem ao sexo masculino, enquanto 11 (36,7%) são do sexo feminino.

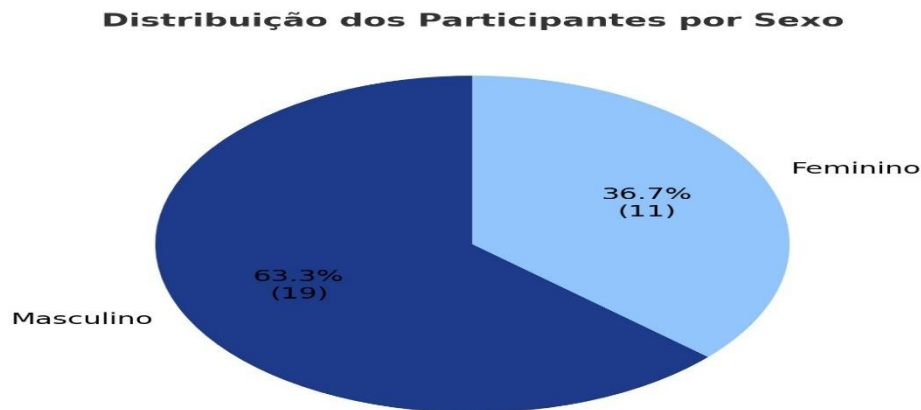


Figura 2 :Distribuição dos participantes por sexo.
Fonte: Dados da Pesquisa.

A Figura 3 apresenta a distribuição dos participantes conforme o período atual do curso. Observa-se que a maioria está matriculada no 4º período (15 participantes), seguida do 6º período (8 participantes) e do 8º período (7 participantes).

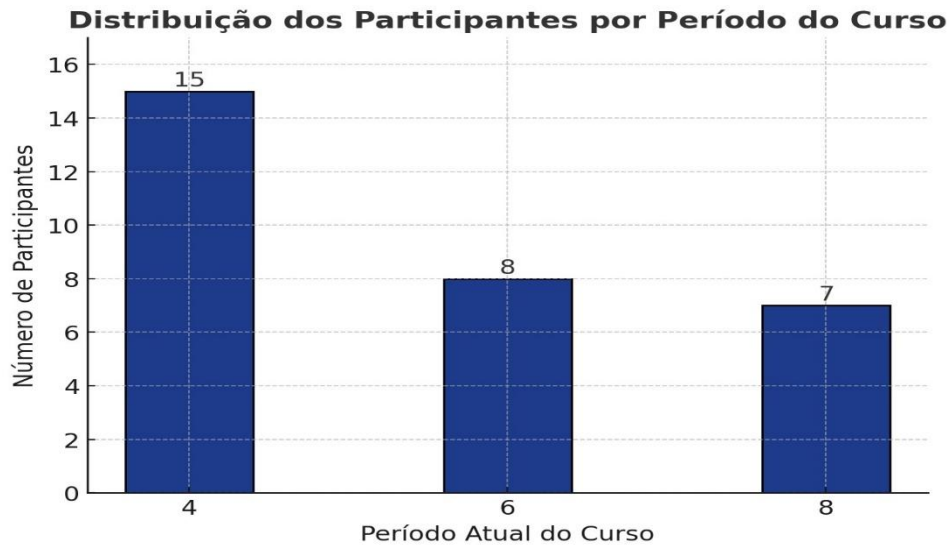


Figura 3 :Distribuição dos participantes por período do curso.
Fonte: Dados da Pesquisa.

A Figura 4 apresenta os dados referentes à experiência prática com pessoas com deficiência. Verifica-se que 11 estudantes (36,7%) relataram já ter participado de atividades voltadas à inclusão, enquanto 19 (63,3%) afirmaram não possuir essa vivência. Esses resultados evidenciam que a maior parte da amostra ainda não teve contato direto com práticas inclusivas.

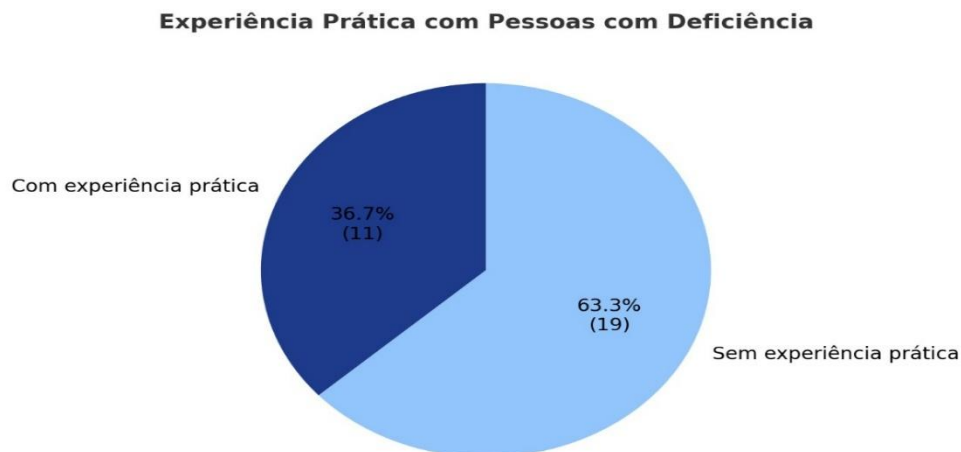


Figura 4 Experiência prática com pessoas com deficiência.
Fonte: Dados da Pesquisa.

3.2 Formação e Preparação Acadêmica

A figura 5 apresenta à formação e preparação acadêmica, observou-se que a maior parte dos participantes (20 indivíduos, correspondendo a 66,7%) declarou sentir-se

pouco preparada para atuar com pessoas com deficiência visual em academias. Um número menor (4 participantes, 13,3%) afirmou estar parcialmente preparado, enquanto 6 participantes (20%) relataram não se sentir preparados. Nenhum dos 30 participantes se considerou totalmente preparado para essa atuação.

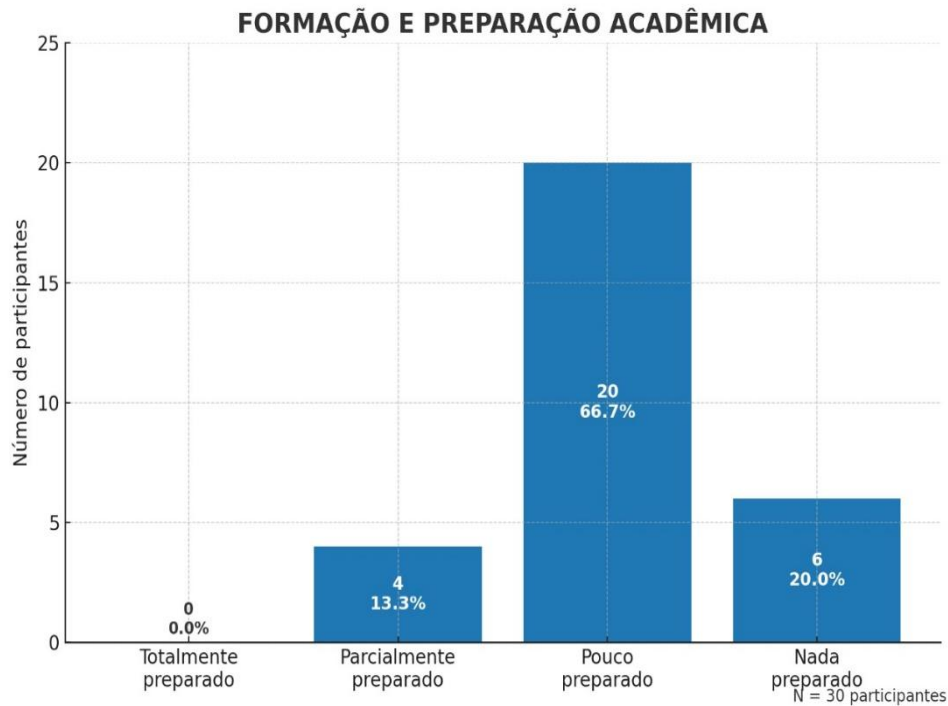


Figura 5: Preparação para atuar com pessoas com deficiência visual.

Fonte: Dados da Pesquisa.

Na Figura 6, que trata da percepção sobre a abordagem dos conteúdos de inclusão durante a formação acadêmica, verifica-se que a maioria dos participantes (20 indivíduos, equivalentes a 66,7%) considerou que o tema foi abordado parcialmente em seu curso. Em contrapartida, 5 participantes (16,7%) afirmaram que os conteúdos sobre inclusão foram tratados de forma suficiente, enquanto outros 5 (16,7%) declararam que não houve abordagem sobre o assunto.

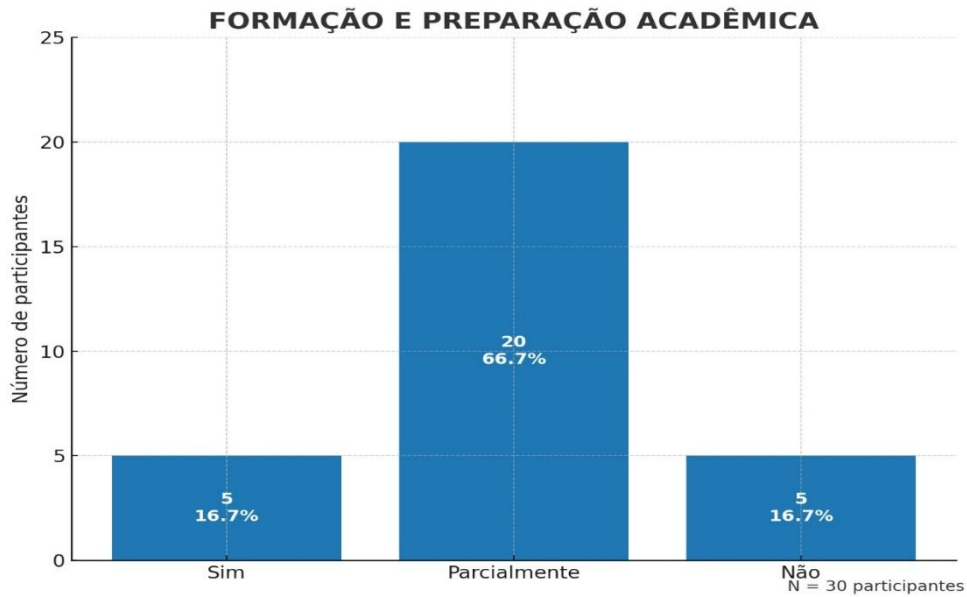


Figura 6: Formação e Preparação Acadêmica
Fonte: Dados da Pesquisa.

Na Figura 7, que aborda a percepção sobre a necessidade de mais disciplinas práticas voltadas à inclusão no curso de Educação Física, observa-se um consenso quase unânime entre os participantes. A grande maioria (27 indivíduos, correspondendo a 90%) concorda totalmente que o curso deveria ampliar as experiências práticas relacionadas à inclusão. Apenas 3 participantes (10%) concordam parcialmente, e nenhum declarou discordar, seja total ou parcialmente.

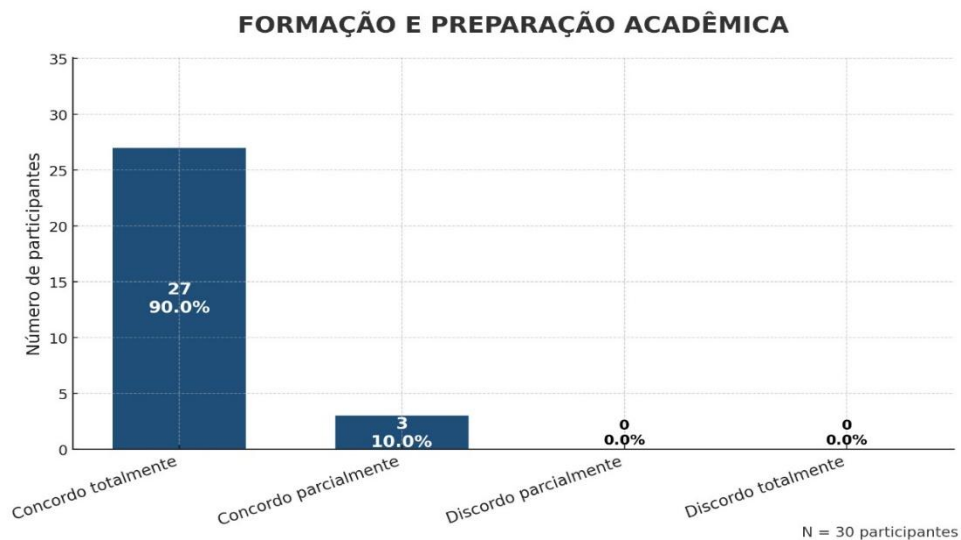


Figura 7: Formação e Preparação Acadêmica
Fonte: Dados da Pesquisa.

3.3 Percepções sobre a Inclusão em Academias

A figura 8, que analisa a percepção dos participantes sobre a preparação dos profissionais de academias para atender alunos com deficiência visual, observa-se que a maioria (18 participantes, correspondendo a 60%) acredita que esses profissionais não estão preparados. Uma parcela menor (10 participantes, ou 33,3%) considera que estão preparados em parte, enquanto apenas 2 participantes (6,7%) afirmaram que os profissionais estão preparados. Nenhum participante marcou a opção “não sei dizer”.

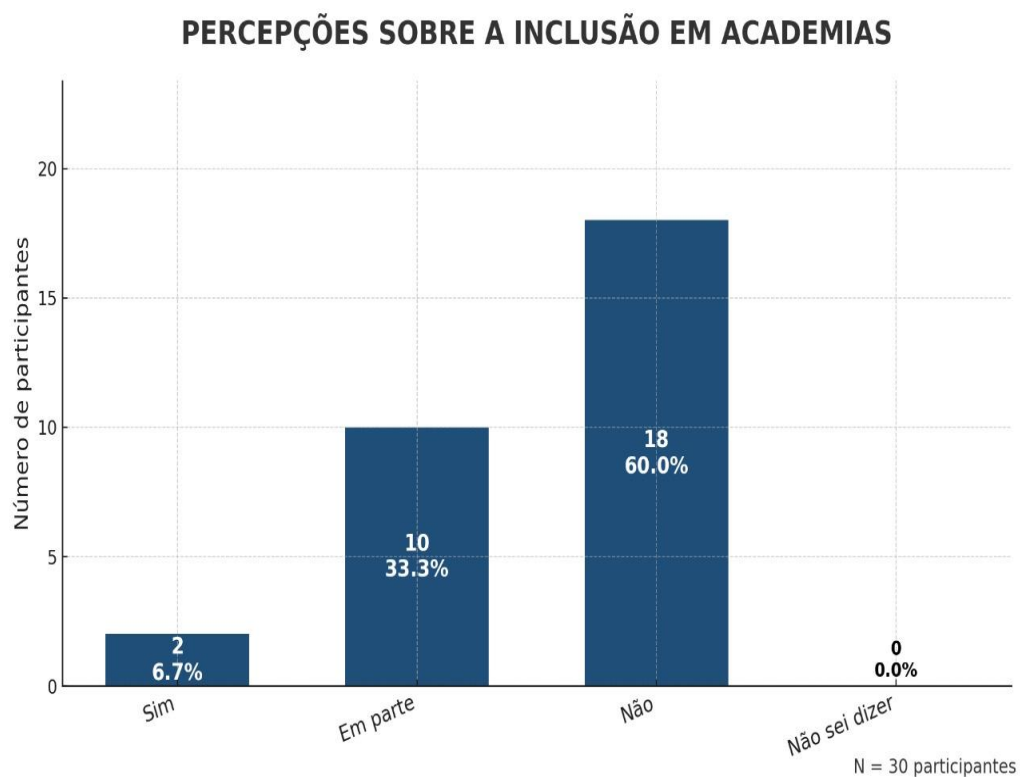


Figura 8: Percepções sobre a inclusão em academias.

Fonte: Dados da Pesquisa.

Na Figura 9, que apresenta as percepções sobre a abertura das academias para receber pessoas com deficiência visual, observa-se que a maior parte dos participantes (15 indivíduos, correspondendo a 60%) acredita que as academias estão abertas em parte a esse público. Um grupo menor (5 participantes, 20%) considera que as academias estão abertas, enquanto outros 5 (20%) afirmam que não estão abertas à inclusão de pessoas com deficiência visual.

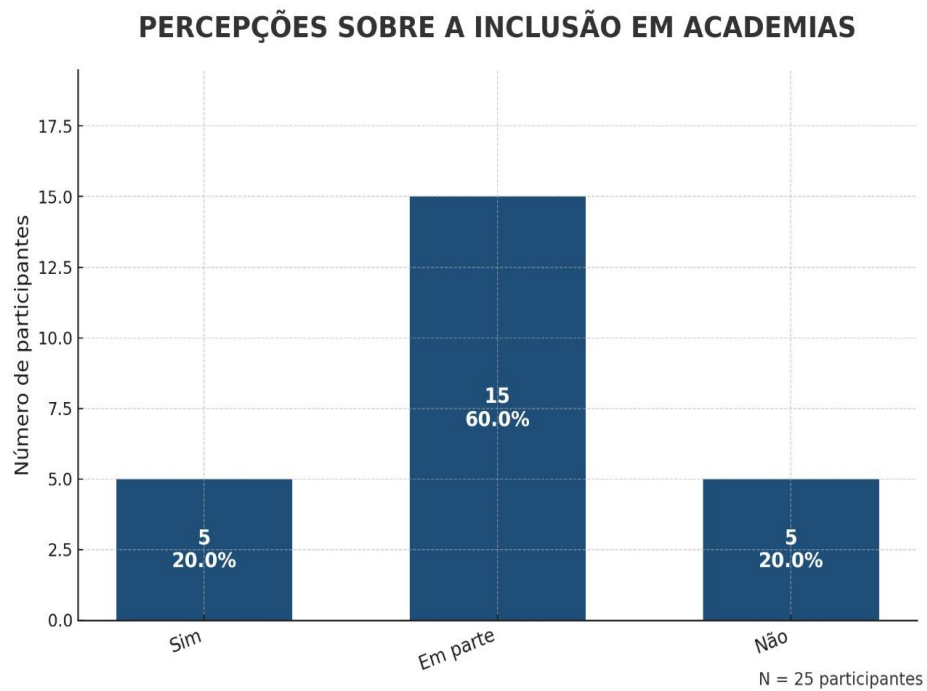


Figura 9: Percepções sobre a inclusão em academias.
Fonte: Dados da Pesquisa.

3.4 Opinião Geral e Sugestões

Nesta etapa, são apresentadas as respostas às questões abertas do questionário, que buscaram compreender as percepções dos discentes sobre os principais desafios e as possibilidades de aprimoramento da inclusão de pessoas com deficiência visual em academias de ginástica. Ressalta-se que nem todos os participantes responderam a essas questões; as manifestações obtidas foram organizadas em categorias temáticas, com base na frequência e relevância das ideias expressas.

Questão: Em sua opinião, qual é o maior desafio para promover a inclusão de pessoas com deficiência visual nas academias?

As respostas revelaram três categorias centrais: **(a)** falta de capacitação profissional, **(b)** barreiras estruturais e **(c)** aspectos atitudinais.

A categoria mais mencionada foi a falta de capacitação profissional, apontada por grande parte dos participantes como o principal obstáculo à inclusão. Os discentes destacaram que muitos profissionais não possuem conhecimento técnico nem preparo prático para adaptar exercícios ou utilizar metodologias acessíveis.

“Muitos profissionais não sabem como adaptar os treinos ou lidar com limitações visuais.” (Participante 1).

A segunda categoria refere-se às barreiras estruturais e de acessibilidade, nas quais os respondentes relataram a inexistência de sinalização tátil, ausência de piso adequado e falta de equipamentos adaptados, o que compromete a autonomia e a segurança dos alunos com deficiência visual.

“As academias não têm estrutura adequada, o que dificulta a locomoção e causa insegurança.” (Participante 2).

Por fim, os aspectos atitudinais, como o preconceito e a falta de sensibilidade, também foram mencionados. Alguns participantes relataram que ainda há resistência e desconhecimento sobre como lidar com pessoas com deficiência, o que reforça barreiras sociais mais sutis.

“Ainda existe preconceito e falta de empatia, o que afasta essas pessoas das academias.” (Participante 3).

Quando perguntados sobre o que poderia ser feito na formação de profissionais de Educação Física para melhorar a inclusão.

As respostas indicaram três direções principais para o aprimoramento da formação profissional: (a) ampliação das disciplinas práticas sobre inclusão, (b) incentivo a projetos e capacitações, e (c) fortalecimento da sensibilização docente e curricular.

A maioria dos discentes defendeu a inserção de mais disciplinas práticas que envolvam contato direto com pessoas com deficiência, possibilitando experiências reais de adaptação e comunicação.

“Mais aulas práticas e vivências com pessoas com deficiência ajudariam a preparar melhor os profissionais.” (Participante 4)

Outros participantes enfatizaram a importância de projetos de extensão e cursos de capacitação que abordem o tema da inclusão de forma contínua e interdisciplinar.

“Seria importante que as universidades oferecessem cursos e projetos específicos sobre inclusão.” (Participante 5).

Por fim, também foi destacada a necessidade de sensibilização e comprometimento docente, para que o tema da inclusão seja abordado de forma transversal ao longo da graduação.

“Os professores precisam discutir a inclusão desde o início do curso, de maneira prática e constante.” (Participante 6).

4 DISCUSSÃO

Os achados reforçam que, embora os estudantes reconheçam a importância da inclusão, ainda existem lacunas significativas na formação acadêmica, nas condições de acessibilidade e nas atitudes sociais que permeiam o ambiente das academias.

Os resultados indicaram que a maioria dos discentes (66,7%) sente-se pouco preparada para atuar com pessoas com deficiência visual, enquanto 20% declararam não possuir qualquer preparo, e nenhum se considerou totalmente preparado. Esses dados revelam uma carência formativa consistente e alinham-se ao estudo de Santos et al. (2023), que identificaram baixo nível de autoconfiança entre graduandos em Educação Física diante de práticas inclusivas. A ausência de preparo adequado reflete a limitada oferta de disciplinas e experiências práticas voltadas à inclusão durante a graduação. Conforme argumentam Graf et al. (2024), a formação profissional em Educação Física deve contemplar situações reais de interação com pessoas com deficiência para o desenvolvimento da competência pedagógica e da sensibilidade necessária à atuação inclusiva.

A análise sobre a abordagem dos conteúdos de inclusão ao longo da graduação reforçou essa percepção: 66,7% dos participantes afirmaram que o tema foi abordado apenas parcialmente. Tal achado é convergente com Silva e Almeida (2023), que constatou que os currículos ainda tratam a inclusão de forma superficial e predominantemente teórica. Essa ausência de integração entre teoria e prática contribui para a insegurança observada entre os estudantes e compromete a consolidação de uma cultura institucional de acessibilidade. Assim, a discussão aponta para a necessidade de reestruturação curricular, com ampliação de disciplinas práticas e programas de extensão que promovam o contato direto dos discentes com pessoas com deficiência visual, como defendem Clemente, Silva e Lipo, 2023.

No que se refere à experiência prática, 63,3% dos discentes relataram nunca ter participado de atividades voltadas à inclusão. Essa ausência de vivência é um dos fatores centrais para a baixa percepção de preparo profissional. Pesquisa de Silva, Morais e Willig

(2024) demonstram que o contato direto com pessoas com deficiência é determinante para o desenvolvimento de atitudes positivas e para a desconstrução de estereótipos. Isso evidencia que, além da formação teórica, a prática vivencial é indispensável para consolidar o aprendizado e reduzir barreiras atitudinais, o que deve ser incorporado de forma obrigatória nas grades curriculares.

No campo das percepções sobre a inclusão em academias, 60% dos participantes afirmaram acreditar que os profissionais que atuam nesses espaços não estão preparados para receber pessoas com deficiência visual. Esse dado reforça que o desafio da inclusão transcende o ambiente acadêmico e alcança o mercado de trabalho. Segundo Fernandes et al. (2021), a falta de capacitação dos profissionais é uma das principais barreiras à adesão de pessoas com deficiência em academias, o que impacta diretamente na sua motivação e na permanência nas atividades físicas. Além disso, a ausência de políticas institucionais e de programas permanentes de formação continuada agrava a situação.

Quanto à percepção sobre a abertura das academias para receber esse público, 60% dos discentes afirmaram que as academias “estão abertas em parte”, enquanto 20% consideraram que “não estão abertas”. Essa constatação demonstra que, mesmo havendo uma aceitação teórica da inclusão, na prática ainda há resistência e despreparo estrutural. Oliveira et al. (2023) destacam que a inclusão efetiva requer tanto adaptações físicas como sinalização tátil, piso antiderrapante e equipamentos acessíveis quanto a formação de uma cultura organizacional pautada na empatia e no respeito às diferenças. Assim, a percepção dos discentes confirma a literatura ao apontar que a acessibilidade arquitetônica e atitudinal permanece insuficientes para garantir a participação plena de pessoas com deficiência visual nas academias.

A categoria “falta de capacitação profissional”, destacada pelos participantes como o maior desafio para promover a inclusão, reafirma o papel decisivo da formação docente. Essa constatação converge com os achados de Campos et al. (2022), que identificou a ausência de preparo técnico e metodológico como principal barreira à inclusão de pessoas com deficiência visual em contextos esportivos. Do mesmo modo, Fernandes et al. (2019) ressalta que muitos profissionais desconhecem estratégias simples de adaptação de exercícios, comunicação verbal e orientação espacial, comprometendo a segurança e a autonomia dos alunos.

Outra categoria emergente refere-se às barreiras estruturais, como a ausência de sinalização tátil, falta de piso adequado e inexistência de equipamentos adaptados. Tais barreiras físicas limitam a autonomia e elevam o risco de acidentes, configurando-se como fatores excludentes. Conforme destaca Morais et al. (2019), a acessibilidade arquitetônica deve

ser tratada como condição básica e não como um diferencial nas academias de ginástica. Isso exige que gestores e órgãos fiscalizadores assegurem o cumprimento da Lei nº 13.146/2015 (Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência), garantindo infraestrutura segura e adaptada.

A terceira categoria identificada, “aspectos atitudinais”, diz respeito ao preconceito, à falta de empatia e à ausência de sensibilidade social. Esses elementos, ainda que sutis, geram barreiras simbólicas e comportamentais que afastam as pessoas com deficiência visual dos espaços de prática corporal. Segundo Silva et al. (2023), atitudes negativas e a falta de contato prévio com pessoas com deficiência são os fatores mais fortemente associados à exclusão em ambientes esportivos. Assim, políticas de sensibilização e formação continuada tornam-se essenciais não apenas para professores e gestores, mas também para os próprios frequentadores das academias.

No que se refere às sugestões apresentadas pelos discentes, destaca-se a demanda pela ampliação das disciplinas práticas voltadas à inclusão. Essa percepção está em consonância com Santos et al. (2024), que evidenciaram a eficácia de metodologias ativas como oficinas, vivências simuladas e atividades interativas no fortalecimento de competências inclusivas. Os estudantes também sugeriram a criação de projetos de extensão e cursos de capacitação específicos sobre inclusão, propostas que dialogam com as recomendações de Almeida et al. (2023), que defendem a inserção de ações extensionistas permanentes para consolidar uma cultura inclusiva nas instituições de ensino superior.

A necessidade de maior sensibilização docente e curricular, também citada nas respostas abertas, reforça que a inclusão deve ser tratada de forma transversal e contínua, e não apenas como tema isolado em disciplinas pontuais. Valdés, Jiménez e Jiménez (2022) propõe que as universidades incorporem o tema em todos os componentes curriculares, estimulando o diálogo interdisciplinar entre teoria da motricidade, psicologia, pedagogia e políticas públicas. Essa perspectiva holística é essencial para formar profissionais críticos, empáticos e tecnicamente competentes.

Dessa forma, os resultados deste estudo revelam que a inclusão de pessoas com deficiência visual em academias depende de uma tríade interdependente: (a) formação profissional adequada e prática; (b) ambientes fisicamente acessíveis e equipados; e (c) atitudes sociais positivas e empáticas. Cada uma dessas dimensões influencia diretamente a outra. Sem formação, não há segurança para atuar; sem estrutura, não há autonomia para o aluno; e sem empatia, não há pertencimento. O desafio, portanto, é sistêmico e exige políticas integradas entre universidades, academias e órgãos públicos.

5 CONCLUSÃO

A inclusão de pessoas com deficiência visual em academias de ginástica ainda é limitada por lacunas na formação dos profissionais, barreiras estruturais e atitudes excludentes. Os discentes demonstraram consciência da importância da inclusão, porém relataram pouco preparo e escassa vivência prática. Torna-se, portanto, essencial fortalecer a formação acadêmica, promover capacitações contínuas e garantir ambientes acessíveis, a fim de consolidar práticas pedagógicas verdadeiramente inclusivas e socialmente equitativas.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, J. A importância dos programas de sensibilização para a inclusão de pessoas com deficiência no ensino superior. **Revista de Educação Inclusiva**, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 45-58, 2023.
- CAMPOS, M, et al. Validação da versão Portuguesa da self-efficacy scale for physical education teacher education major toward children with disabilities. **Retos: nuevas tendencias en educación física, deporte y recreación**, n. 45, p. 558-565, 2022.
- CLEMENTE, M ; SILVA, D ; LIPPO.B. Aulas de educação física para pessoa com deficiência: efetividade imediata ou efeito prospectivo? **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v.7, n.10, p. 99991-100006 oct. 2021.
- FERNANDES, A, et al. Inclusão escolar: um paralelo entre a teoria e a prática. **Brazilian Journal of Development**, v. 7, n. 8, p. 86173-86186, 2021.
- FERNANDES, M, et al. Autoeficácia docente de futuros professores de educação física em contextos de inclusão no ensino básico. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 25, p. 219-232, 2019.
- GRAF, L, et al. Educação especial: deficiência física motora e a docência dos professores. **Revista Acadêmica Online**, v.10, n.54, 2024.
- MORAIS, M, et al. Formação contínua de professores de educação física face à perspectiva inclusiva. **Rev. Assoc. Bras. Ativ. Mot. Adapt.** v.20, n.2, p.153-160, Jul./Dez., 2019.
- OLIVEIRA, O, et al. O papel da educação física na promoção da inclusão social. **Ciências da Saúde**, v.27, n.3, 2023.
- SANTOS, A, et al. Desafios e possibilidades da inclusão de pessoas com deficiência na rede regular de ensino. **Revista Ft**, v.27, n.5, 2023.

SANTOS, S, et al. A importância da formação continuada do professor educador no contexto educacional inclusivo. **Ciências Humanas**, v.28, n.6, 2024.

SANTIAGO, J. Possibilidades e limitações nas práticas pedagógicas no ensino superior: uma análise do material didático e dos recursos de tecnologia assistiva acessíveis às pessoas com deficiência visual. **Revista Brasileira de Educação**, v. 21, n. 64, p. 101-118, 2016.

SILVA, E. V. A.; DE ALMEIDA, D. B. P. A inclusão de alunos deficientes nas aulas de educação física. **Brazilian Journal of Health Review**, [S. l.], v. 6, n. 6, p. 31536–31543, 2023.

SILVA ; F ; MORAIS, M ; WILLIG, R. Formação de professores de Educação Física para o ensino de estudantes com deficiência visual: percepções e experiências no contexto escolar inclusivo. **Benjamin Constant** , v. 30, n.68, 2024.

SILVA, F, et al. Um olhar sobre a formação contínua de docentes de educação física na perspectiva inclusiva em Portugal. **Debates em Educação**. v.15, n.37, p.1-14, 2023.

VALDES, R., JIMENEZ, L.,JIMENEZ, F. Radiografia da pesquisa sobre educação inclusiva. **Cadernos De Pesquisa**, v.52, 2022.

APÊNDICE A

Questionário – Percepções sobre a Inclusão de Pessoas com Deficiência Visual nas Academias de Ginástica

Bloco 1: Perfil do Participante

1. Idade: _____
2. Sexo: Masculino Feminino Outro
3. Período atual do curso: _____
4. Curso: Licenciatura Bacharelado Integral
5. Você já teve alguma disciplina sobre inclusão de pessoas com deficiência? Sim Não
6. Já participou de alguma atividade prática com pessoas com deficiência? Sim Não

Bloco 2: Formação e Preparação Acadêmica

7. Você se sente preparado(a) para atuar com pessoas com deficiência visual em academias?
Totalmente preparado
 Parcialmente preparado
 Pouco preparado
 Nada preparado
8. A sua formação até agora abordou de forma suficiente os conteúdos sobre inclusão?
 Sim
 Parcialmente
 Não
9. Na sua opinião, o curso de Educação Física deveria ter mais disciplinas práticas voltadas à inclusão?
 Concordo totalmente
 Concordo parcialmente
 Discordo parcialmente
 Discordo totalmente

Bloco 3: Percepções sobre a Inclusão em Academias

10. Os profissionais de academias estão preparados para atender alunos com deficiência visual?
 Sim
 Em parte
 Não
 Não sei dizer
11. Você acredita que as academias estão abertas a receber pessoas com deficiência visual em seus programas?
 Sim
 Em parte
 Não

Bloco 4: Opinião Geral e Sugestões

12. Em sua opinião, qual é o maior desafio para promover a inclusão de pessoas com deficiência visual nas academias? (*aberta*).

13 O que poderia ser feito na formação de profissionais de Educação Física para melhorar a inclusão?
(*aberta*)